

5. MINORIAS RELIGIOSAS CRISTÃS NA CHINA

O caso da China possui muitos aspectos comuns com o Irã, porém em muitos outros os dois países são extremamente diferentes. Assim como no caso iraniano é necessário analisar a história deste país milenar para compreender a partir de quando os cristãos surgem na China e como eles são construídos como uma ameaça. É necessário ter em mente também que assim como o Irã, a China é um país que resiste fortemente às influências estrangeiras, principalmente ocidentais na sua política. Este é um ponto de suma importância neste estudo, pois a hipótese levantada por este trabalho acredita que a ligação entre o cristianismo e o mundo ocidental é a principal causa de perseguição a grupos minoritários cristãos na China. Outro ponto a ser considerado, é que na China a presença de cristãos é resultado de trabalhos missionários provenientes do ocidente, gerando um incômodo ainda maior.

É importante termos em mente que no primeiro caso estudado, tratamos de um país islâmico, regido por leis religiosas. No caso da China, estamos lidando com um país formalmente ateu, cujo regime é socialista. Um socialismo, que como veremos adiante, foi adaptado de acordo com a realidade do país. Embora suas formas de governar sejam distintas em alguns aspectos, China e Irã possuem relações conturbadas com o Ocidente, embora nem sempre os dois países possuam as mesmas motivações .

5.1 HISTÓRICO DA CHINA

Inicialmente, desde séculos atrás a China era governada por dinastias, nos anos que antecedem a Cristo. As muitas dinastias se estenderam até o século XX, quando chegam ao fim em 1911 tornado a China em uma República (MITTER, 2011, p.34). Por ser um país de história milenar, muita das vezes os chineses se atém a tradições e culturas desse passado, acreditando que repetir essas experiências seria algo positivo para manter viva sua cultura. E mesmo presos a muitas tradições passadas, a China é um país que veem experimentando uma intensa modernização.

Esse país é o mais populoso do mundo, e há décadas transita entre as tradições e princípios do passado e os desafios que chegaram com a modernidade. Em muitos aspectos a sociedade chinesa, com mais de um bilhão de habitantes, se modernizou, e em outros ainda guarda os resquícios do seu passado, inclusive do período de Mao Tsé-Tung.

5.1.1 As Últimas Dinastias

Nosso estudo inicia na penúltima dinastia chinesa, a Dinastia Ming. É certo que anteriormente muitas outras dinastias governaram o país, porém foi nesse período que ocorreram mudanças significativas na história do país, e principalmente, marcou o início das atividades missionárias na China. Um evento de grande importância neste trabalho. Quando a Dinastia Ming chegou ao poder, o domínio dos mongóis estava se alastrando pelo país. Devido às grandes diferenças culturais entre os dois povos, os problemas não demoraram a surgir. Porém a Dinastia Ming ficou conhecida por reestabelecer a cultura chinesa no país e fazer grandes avanços econômicos. Foi um período de estabilidade social na história da China. (University of Calgary, 2007)

Um dos principais objetivos econômicos dessa dinastia era tornar a China autossuficiente na sua agricultura, deixando de ser dependente dos grandes centros da época. Dessa forma muito foi investido na área agrícola gerando uma superprodução. Para lidar com essa situação a solução encontrada foi explorar rotas marinhas, exportando seus excedentes inclusive para o Ocidente. A China começou a fazer comércio com Portugal, Espanha e Holanda. (BROOK, 1998, p.124)

Durante o governo da Dinastia Ming, o comércio com o Ocidente tornou a China mais próxima desses países. Os navios vinham carregados de mercadorias, mas também havia cidadãos de países ocidentais (BROOK, 1998, p.124). Com a expansão das rotas marítimas, se tornou mais fácil a migração. Dessa forma europeus vieram para o país por diversos motivos. Além de muitos comerciantes, missionários começaram a chegar na China com o objetivo de trazer o cristianismo para o Oriente. É a partir desse momento que o cristianismo ressurgiu no país, visto que o cristianismo já havia chegado a China anos atrás, mas havia sido eliminado devido a intensa perseguição, por uma clara influência estrangeira.

A China viveu um período de grande crescimento econômico, baseado na sua agricultura, e mantinha fortes vínculos de comércio com países europeus e com o Japão, que era uma potência oriental. E a população do campo começou a aprender funções urbanas como fabricar tecido. Foi um período de prosperidade. (BROOK, 1998 p.113-117) No entanto, uma calamidade se abateu sobre o país, prejudicando o plantio. A “pequena era do gelo” como ficou conhecida a época, devastou a plantação, que se tornou insuficiente para atender até mesmo a demanda interna. Sem alimentos para vender, nem para comprar, a China passou por um momento difícil, onde sua população se revoltou. A Dinastia Ming foi perdendo autonomia, era um momento de instabilidade política. Foi quando a Dinastia Qing decidiu tomar o controle.

A Dinastia Qing, também conhecida como Dinastia Manchu, foi a última entre as dinastias chinesas, e durou de 1644 a 1912. Foi neste período que a China obteve sua maior expansão territorial, além da pacificação do Tibete. O Tibete era uma região conflituosa durante muitos anos. Se considerava um país independente da China, enquanto os chineses exigiam submissão. Mas foi no período da dinastia Qing que houve paz naquele território. A dinastia anterior, proporcionou

um grande crescimento econômico, abrindo comércio para a Europa. Mas no período Qing a China voltou a se isolar do mundo e apenas o porto de Cantão ficou aberto para comercialização com o resto dos países do globo. Foi assim, através do porto de Cantão que o ópio entrou no mercado chinês e se tornou lucrativo. O ópio possui determinada relevância na história chinesa, pois é motivo de disputas entre China e Inglaterra.

Ao se isolar do resto do mundo, a China adotou medidas drásticas, como expulsar os missionários e comerciantes europeus que estavam no país. Era uma tentativa de fortalecer a cultura chinesa e se livrar das influências ocidentais que tinham invadido o país. Foi um período de estabilidade, porém a cultura chinesa não desempenhou um grande papel comparado a dinastias anteriores.

Mas antes de tomar essas atitudes, houve um período de paz entre chineses e cristãos proclamado pelo imperador Kangxi. Eles eram missionários jesuítas (MARTINS, 1998, p.33-40) no país, e seu conhecimento científico aproximou a Igreja Católica do Império. Dessa forma esses missionários prestaram muitos serviços à corte imperial em diversas áreas, inclusive na artilharia da guarda chinesa, que ajudou o país a reconquistar Taiwan que estava sob o domínio da Holanda. Como forma de agradecimento, em 1692 foi proclamado um édito pela Corte imperial de tolerância ao cristianismo. No entanto alguns anos mais tarde, os jesuítas entraram em conflitos com franciscanos e dominicanos, levando o imperador a suspender o édito e proibir a pregação do cristianismo em 1723.

Também nesse período surgiram os Boxers. Estes insurgiram através de uma campanha violenta contra estrangeiros e símbolos da ordem imposta por eles. Eram lutadores, que possuíam treinamento em artes marciais e queriam exterminar qualquer vestígios de países estrangeiros na China. Seus principais alvos foram escolas ocidentais, diplomatas, estradas de ferro, cristãos chineses, entre outros. (KISSINGER, 2011, p.98) Era um movimento antiocidental e anticristão em oposição a presença de estrangeiros no país. A imperatriz apoiou os ataques, e os exaltou, na esperança de impedir a influência estrangeira na China.

A consequência foi a união de oito países, entre eles França, Grã-Bretanha e EUA, que foram a Pequim com o objetivo de proteger seus diplomatas. Derrotaram os boxers e dessa forma obrigaram a China a assinar um tratado, a fim de se responsabilizar a pagar indenização a estes países, e conceder a estes mais

direitos dentro do país. Este foi apenas um de um grupo de tratados desiguais que a China ainda seria obrigada a assinar.

O ópio trouxe muitas turbulências na relação da China com a Inglaterra (KISSINGER, 2011, p.61) ao ser considerado ilícito pelo primeiro país. Isso acarretou em complicações na relação China-Occidente. Com isso um carregamento britânico da droga foi completamente destruído por autoridades chinesas. Em resposta, a Inglaterra declarou guerra contra a China, com o objetivo de reabrir o comércio tão lucrativo do ópio.

A Inglaterra venceu a Guerra do ópio, obrigando a China a assinar o Tratado de Nanquim, responsável por fazê-la abrir alguns portos. O Tratado de Nanquim pode ser considerado o primeiro de uma série de tratados desiguais (MITTER, 2011, p.29) firmados entre a China e países ocidentais, que assinavam esses tratados para terem vantagens sobre os chineses. Os países da Europa se posicionaram a favor da Inglaterra. Com muitos países a seu favor, e os EUA lutando contra o monopólio inglês a China se viu cada vez mais dependente do mundo, pois seu mercado estava cada vez mais aberto. A dinastia Manchu foi ficando enfraquecida, e com isso surge um movimento cultural com o objetivo de tornar a China um país moderno.

Já era início do século XX, e com o enfraquecimento da Dinastia Qing uma nova era estava por chegar. (MITTER, 2011, p.29) A China não deixava de se envolver em questões capitalistas, que acabaram alcançando espaço em seu território, além de ter assinado alguns dos tratados desiguais, guerra do ópio, o levante dos boxers, entre outras questões desgastantes. Com todos esses fatores reunidos, explodiu uma Revolução cultural, político, econômico e social com o objetivo de modernizar o país. Esse movimento ganhou adesão dos estudantes e políticos que eram contrários ao sistema imperial e ocasionou o fim desse modelo. Era o fim das dinastias e o início da República.

5.1.2 A República

A República Chinesa teve um início marcado por muitas turbulências. Em 1912 o líder nacionalista Sun Yat-sen foi proclamado o primeiro presidente da

China. (KISSINGER, 2011, p.99) No ano de 1917 aconteceu a Revolução Russa. Esse foi um fato importante pois mostrou a China que o país vizinho derrotou o imperialismo através do socialismo. Isso fez com que a China almejasse uma futura aliança com o país. Em 1923, o presidente, para conseguir apoio dos soviéticos teve que se aliar com o partido comunista chinês recém fundado. Partido este de Chen Duxlu e Mao Tsé-Tung. Mao tem um papel crucial na história do país. Ele era capaz de mobilizar muitos através do patriotismo. Mas em 1925 Duxlu morreu e chegou ao poder o general Chiang Kai-shek através de um golpe de Estado. Ele rompeu com os comunistas e iniciou uma caça a estes, gerando uma guerra civil. Muitos comunistas foram mortos, no entanto Mao e Lin Biao formaram uma República comunista.

Esse ciclo de violência gerou uma guerra civil longa, que começou em 1927 e durou por mais de 22 anos (SCHILLING, 1984, p.9). Durante esta época aconteceu o que ficou conhecido como “holocausto esquecido” em 1937, quando os japoneses aproveitaram o caos para ocupar alguns territórios chineses. Nesse período, muitos missionários cristãos que estavam na China, pediram nacionalidade chinesa, num ato simbólico de demonstrar que eles estavam juntos inclusive nos momentos de dificuldade (CARLETTI, 2007, p.60) A política japonesa de invasão à China ficou conhecida como *três todos* (saqueia tudo, mata tudo e queima tudo). Foi o episódio mais sangrento no período da II Guerra Mundial, responsável por gerar mais mortes do que eventos como Hiroshima e Nagasaki (LOSURDO, 2004, p.164).

Durante esse período conturbado, em que a China tentava combater o imperialismo japonês, o PCC (Partido Comunista da China) foi ganhando força através dos militantes que havia sobrevivido. E foi ganhando a simpatia da população, inclusive da burguesia e dos intelectuais.

A situação chegou ao extremo quando os japoneses tomaram algumas cidades importantes da China como Pequim. Para expulsar os japoneses Chiang se viu obrigado a recorrer a força comunista que tinha sobrevivido. Como o Japão ficou enfraquecido na II Guerra Mundial, os comunistas ganhavam cada vez mais espaço na China. Com o fim da Guerra, o Japão não tinha condições de se manter na China. (KISSINGER, 2011, p.100) Dessa forma a guerra civil chinesa recomeçou, pois as diferenças entre o comunismo e o capitalismo se acentuaram.

De um lado o comunismo liderado por Mao tinha ganhado espaço e apoio dos soviéticos. Do outro Chiang contava com o apoio dos EUA e tentava conter a onda comunista que crescia novamente. A diferença entre o capitalismo e o comunismo estava ainda mais acentuada. As forças comunistas foram se espalhando por toda China, exceto Taiwan, e após quase 30 anos de guerra civil Mao Tsé-Tung declarou a República Popular da China. Os EUA não reconheciam a China comunista como um país, apenas a nacionalista (Taiwan). Dessa forma, o país ficou cada vez mais fechado para o Ocidente.

Aqui podemos perceber uma grande semelhança com o caso iraniano. O comunismo de Mao vai ganhando notoriedade assim como a ideia de formar uma República Islâmica no Irã. Esses dois modelos foram impostos em seus respectivos países, gerando diversas alterações no cotidiano de seus cidadãos. O comunismo foi implementado na China da mesma forma que o Islamismo no Irã. Os cidadãos contrários as duas ideologias foram obrigados a aceita-las, pois os dois governos passariam a ser baseados nelas.

Mao Tsé-Tung inicia a Revolução Chinesa em 1949, contando principalmente com o apoio dos camponeses. Essa revolução tinha um caráter antifeudal, anticolonial e buscava a reconstrução do país. A China estava atrasada economicamente e como resultado de anos de exploração por parte das potências, o subdesenvolvimento chinês era uma questão grave. A luta do PCC era contra o imperialismo, pois entenderam que esse era o estágio mais elevado na luta de classes. Dessa forma, a China buscava independência doméstica.

O período de Mao também é um marco importante neste trabalho. A China se tornava cada vez mais fechada para o Ocidente, e os resquícios dessa má relação permanecem até os dias de hoje. O comunismo de Mao era extremamente nacionalista, e quaisquer vestígios do Ocidente eram reprimidos, incluindo cristãos, vistos como expoentes do Ocidente. Durante a era comunista cristãos foram duramente perseguidos, assim como a presença de missionários estrangeiros. Esse período também marca profundamente a história da China. Quando o país iniciava negociações com outros países, no âmbito comercial, devido ao mercado do ópio, Mao inicia a revolução que interrompe a relação que estava sendo estabelecida entre China e outros países, inclusive do Ocidente. É

um momento emblemático, que gerou não apenas perseguições a estrangeiros, mas também um isolamento diplomático.

Durante este período a Igreja Católica ao nomear seus líderes na China, acaba nomeando um grande número de missionários estrangeiros e alguns chineses. A essa altura, já esperava que a liderança da igreja no país fosse de maioria chinesa. Essas nomeações da Santa Sé mostravam que não havia total confiança no clero que estava sendo preparado na China. E mais, gerava desconfiança por parte do novo governo, que acreditava que o Vaticano queria ter influência dentro do país. (CARLETTI, 2007, p.69)

Ainda em 1949, quando o Partido Comunista fazia aniversário, Mao fez um discurso com o objetivo de mostrar as grandes conquistas que o comunismo já havia alcançado no país, em tão pouco tempo e traçando as metas futuras:

“1. No interior do país, despertar as massas populares. Isso significa unir a classe operária, a classe camponesa, a pequena-burguesia urbana e a burguesia nacional, formar uma frente nacional sob a direção da classe operária, e partindo daí, avançar até o estabelecimento de um Estado de ditadura democrática popular, dirigido pela classe operária e baseado na aliança dos operários e camponeses.

2. No exterior, unir-nos numa luta comum as nações do mundo que nos tratam em pé de igualdade e com os povos de todos os países. Isso significa aliarmo-nos com a União Soviética, com as Democracias Populares e com o proletariado e as grandes massas populares de todos os países, para formar uma frente única internacional.” (MAO, 1979, p.642)

Através desse discurso, Mao também evidencia que desde a fundação do Partido Comunista até aquela data, já era notório quem eram seus aliados e seus inimigos. Os países que estavam do lado do socialismo e os imperialistas. E assim ele baseava suas decisões. Inclusive, ele cita no mesmo discurso que ainda precisa “liquidar os resíduos inimigos”, numa clara referência a uma luta contra a presença do Ocidente dentro da China.

No entanto não eram apenas com inimigos estrangeiros que os comunistas deveriam se preocupar. Após a China ser declarada República Popular por Mao, o país viveu períodos de extrema violência interna, e conturbados na política. Estava distante do Ocidente, e passou mais de duas décadas sem o reconhecimento dos norte-americanos. O país precisava tomar medidas sociais e

econômicas o mais rápido possível. Era necessário um plano de reconstrução nacional. Então, ainda no início, Mao junto com seu primeiro ministro Zhou Enlai, transformaram o país economicamente. Sua fórmula foi manter o setor privado focado nas indústrias, enquanto cuidava dos camponeses fazendo uma reforma agrária.

O objetivo era focar a reconstrução nacional numa cooperação com a URSS e com o bloco socialista que estava se formando no pós II Guerra Mundial. Isso fica evidente quando Stálin e Mao firmam o Pacto Militar sino-soviético (League of Nations Treaty Series, vol. 181, pp. 102-105.) em 1950. (CEPIK, MARTINS, 2004, p.43) A cooperação entre os dois países foi além do campo militar e se estendeu para a área econômica e tecnológica, evidenciando essa aliança. Enquanto isso, a China inicia no campo doméstico os Planos Quinquenais (1952-57 1957-62) com o objetivo de reestruturar a nação.

Junto com as reformas econômicas e sociais, ainda nos primeiros anos da República, Mao se dedicou a combater os inimigos internos da China. Em 1951 foi dedicado a exterminação desses inimigos, que eram os corruptos, os bandidos e os missionários cristãos, vistos como grande ameaça ao sistema comunista. Nessa caça aos inimigos. Além disso promoveu desfiles desses inimigos para humilha-los diante da população fiel. (CARLETTI, 2007, p.71) Mao envolveu a população nessa luta contra os “inimigos” da China. Organizou julgamento em estádios, aldeias, e incitou a população que denunciasse esses inimigos, como um gesto de patriotismo e amor à China. Junto com a lista de inimigos citados, estariam aqueles que se opusessem ao seu governo, pois ele mesmo afirmou: “Aquele que se alista ao lado do povo revolucionário é um revolucionário, enquanto o que se coloca ao lado do imperialismo, do feudalismo, do capitalismo burocrático é um contrarrevolucionário.” (ÁLVARO⁷, 1967 p.18)

Em 1953, após retornar de sua primeira viagem internacional sem encontrar o apoio desejado, Mao decidiu fazer a reforma agrária no país e acabou com o sistema latifundiário. Outra medida foi nacionalizar instituições financeiras

⁷ MAO TSÉ-TUNG. Alocução de encerramento na segunda sessão do I Comitê Nacional da Conferência Consultiva do Povo Chinês (23 de junho de 1950) In: **Citações de Mao Zedong**. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1967.

e comerciais. O comunismo ganhava o apoio dos camponeses, porém a população das cidades ficava insatisfeita com tamanha rigidez do sistema de governo.

No fim da década de 1950 e início da década de 1960, começou a se tornar evidente que China e URSS estavam em meio a uma disputa política. Os chineses entenderam que seu alinhamento com os soviéticos poderia ser um caminho que não “levaria ao reestabelecimento da unidade nacional e ao fim do período de humilhação nacional” (MADDISON, 1999, p.384). O país foi se tornando cada vez mais fechado e rompeu relações com a União Soviética, pois ambos disputavam o papel de referencial de hegemonia comunista no mundo, além de algumas fronteiras. Logo a China estava isolada do resto do mundo

Os camponeses se tornavam cada vez mais satisfeitos com o comunismo, mas nas cidades esse modelo não ganhava o mesmo apoio. A população não estava satisfeita com a rigidez que o comunismo governava o país. Mao estava ciente desse descontentamento, e buscando aumentar sua aprovação implantou um sistema democrático experimental onde intelectuais poderiam expressar suas opiniões sobre o governo. O objetivo era mostrar a população de que eles eram ouvidos. Porém, as críticas foram mais severas do que Mao esperava. Com isso o efeito foi inverso. Ele lançou campanhas ideológicas ainda mais rígidas e tornou sua forma de governar mais rigorosa.

Era um período delicado, com inúmeros problemas para os líderes chineses. O isolamento do mundo, a insatisfação da população com o governo, e a recente ruptura da China com a URSS fizeram com que Mao se sentisse ameaçado. Para isso era necessário pensar em uma estratégia para tirar o país desse mar de problemas e voltar a uma posição confortável. Para superar esses problemas, a solução encontrada é focar no desenvolvimento interno, reorientando suas políticas.

Em 1966 inicia Revolução Cultural na China, liderada por Mao Tsé-Tung. O objetivo da revolução era afastar as influências estrangeiras e exaltar a cultura chinesa. Esse foi o período onde os cristãos sofreram intensa perseguição. Por serem considerados frutos de missões estrangeiras, logo, não pertenciam a cultura chinesa, muitas igrejas foram fechadas, destruídas, muitos cristãos foram mortos, presos, torturados, por serem considerados um produto do Ocidente. Eles deveriam ser aniquilados na China. Nesse período a religião era considerada

feudal e muitos edifícios religiosos foram destruídos ou transformados em edifícios públicos.

Através dessa revolução a China conseguiu se reestabelecer no campo doméstico. A política foi voltada para o desenvolvimento nacional, porém internacionalmente o país permanecia isolado. A economia não estava completamente recuperada, mas era suficiente para alavancar a indústria do país. E enquanto a China buscava um crescimento acelerado, pode visualizar a URSS agonizando (CASTELLS, 1999, p.352).

Na década de 1970 a política internacional chinesa foi se tornando mais moderada, o que tornou possível a entrada do país nas Nações Unidas. Um dos fatores que contribuiu para que a China se tornasse membro da ONU foi sua aproximação com alguns países capitalistas. A aproximação com os EUA foi o fator mais importante. Essa aproximação foi transformando o plano de desenvolvimento chinês um sucesso no âmbito doméstico e internacional.

A inserção internacional da China foi um passo de extrema importância para o país, deixando para trás o isolamento diplomático e solidificando a segurança nacional. Dessa forma seria mais fácil avançar com os planos modernizadores que havia sido traçados na década de 1970. O estreitamento da relação entre China e EUA foi uma oportunidade de alcançar esses objetivos. O êxito dessas relações pode ser comprovado através da projeção internacional da China, vista agora como o núcleo do processo de “asiatização” (FUNABASHI, 2004, n4 vol.2) da Ásia.

Em 1976 com a morte de Mao, (KISSINGER, 2011, p.292) seu sucessor, Hua Guofeng foi transformando a China em um país menos esquerdista e mais pragmático. A China passou por uma modernização e suas políticas se tornaram menos rígidas que as anteriores, no período de Mao. Uma das mudanças foi o estabelecimento da política das Quatro Modernizações.

A primeira medida era voltada para os camponeses, e tinha como principal objetivo recompor as bases do PCC para fortalecer o partido e evitar futuras fissuras. A segunda medida era voltada para o fortalecimento e modernização da estrutura industrial, com a finalidade de que estes fossem capazes de gerir melhor

seus recursos. A terceira medida era o incentivo a ciência e tecnologia. E a quarta e última medida tinha como objetivo aumentar o poder das forças armadas.

Essa política aplicada por Deng Xiaoping, era o passo inicial para o reestabelecimento da estabilidade interna, e o desenvolvimento do país. Deng acreditava que não poderia existir socialismo junto com miséria, pois o socialismo é a eliminação da mesma, junto com o desenvolvimento das forças produtivas (LOSURDO, 2004, p.155). As Zonas Econômicas Especiais (ZEE) seriam utilizadas como ferramenta político econômica para superarem o atraso chinês. E de fato as ZEE's alcançaram não só estabilidade como reunificaram o país, tendo em vista que as mesmas obedeciam uma ordem geopolítica (JABBOUR, 2006, p.220).

O crescimento econômico que aconteceu na China na década de 1970 foi o resultado de três fatores, segundo Medeiros: o primeiro foi a estratégia de isolamento dos EUA aliada ao desgaste da antiga URSS; a ofensiva comercial americana com o Japão; e uma estratégia do governo chinês que tinha como objetivo afirmar sua soberania sobre território e população, através do processo de modernização das indústrias do país. (MEDEIROS, 1999, p.385)

Dentro desse período de modificações, uma nova constituição foi promulgada com a finalidade de revisar alguns dos conceitos da doutrina de Mao. Essa modernização abriu espaço para que os jovens chineses comessem a pedir por mais democracia e liberdade. Em 1989 houve uma manifestação na Praça Celestial em Pequim onde esses jovens reivindicavam democracia. Sem saber o que fazer, as forças armadas foram confrontá-los, gerando mortos e feridos. Essa manifestação ficou conhecida no mundo inteiro através de uma foto de um único homem parado na frente dos tanques de guerra. Apesar da forte crise política a economia chinesa continua crescendo.

No entanto é notório que após a morte de Mao Tsé-Tung o comunismo na China foi perdendo a força, a economia do país foi se fortalecendo gradualmente, tornando-o uma das maiores forças no continente asiático, mesmo tendo se industrializado tardiamente. O que surpreende é a rapidez com que a China ergue-se economicamente e se posiciona no mercado internacional. Enquanto em sua política doméstica e internacional a China vive entre oscilações, na economia ela

vive em franca ascensão, sendo considerada hoje uma das mais importantes potências econômicas mundiais.

É necessário, porém, destacar três elementos que foram essenciais para essa rápida ascensão chinesa. O primeiro é a centralidade do poder, sempre concentrado no PCC, que resiste fortemente a pressões externas. O segundo, são as dimensões geográficas e geopolíticas do país, que lhe dá a capacidade de desequilibrar o reordenamento mundial. E o terceiro e último é a forma pacífica (BIJIAN, 2005.)⁸ pela qual se deu sua ascensão, diferente de muitos países que utilizaram de recursos como invasões, colonizações, guerras e outras formas violentas para alcançarem algum poder na comunidade internacional.

Cada dia mais a China se torna protagonista da história que vem sendo construída no cenário internacional. Com seu mercado cada vez mais competitivo, o país está mais inserido do que nunca nas relações internacionais. Seu mercado cresceu a medida que a China foi tornando-o mais aberto. Participa de diversas organizações internacionais, inclusive ingressou na OMC em 2001, e foi a responsável por sediar os jogos Olímpicos de 2008. Mesmo com essa grande participação nos assuntos mundiais, a China continua sendo um país emblemático e de relações frágeis com o Ocidente. Permanece constantemente como alvo de acusações de que desrespeita os direitos humanos dentro do seu país. Seja na economia, na política, ou até mesmo no âmbito jurídico a China é um país em voga no cenário internacional

5.2

A CHINA E O “OCIDENTE”

É notório que a história da China oscila entre dois lados extremos. Ora é um país comunista, totalmente isolado do resto do mundo, ora restaura suas relações com países potências e se aproxima dos valores capitalistas. E muita das vezes age com uma combinação do dois, com sua política comunista extremamente nacionalista, mas com seu mercado completamente aberto, agindo

⁸ BIJIAN, Zheng. **China’s “Peaceful Rise” to Great-Power Status**. In *Foreign Affairs*, set/out, n5, vol.85, 2005. Ao longo do artigo, o autor fundamenta sua tese da “ascensão pacífica” pela qual a China cresceu, e as contradições que o país enfrenta.

de forma capitalista. De fato nesses milhares de anos de história o país viveu sob diversas formas de governo. Fica evidente também, que a relação entre a China e o Ocidente também oscila de acordo com a linha de pensamento político que o país estiver seguindo.

As relações sino-americanas também representam a relação sino-ocidental, visto que os EUA podem ser considerados como uma espécie de porta-voz do Ocidente. E como foi visto, essas oscilaram entre distanciamento e aproximação ao longo dos anos. Após a II Guerra Mundial os EUA e a China se aliaram, pois os norte-americanos buscavam uma base de poder na Ásia. Com a reestruturação da política chinesa, e a revolução liderada por Mao, mais uma vez essa relação foi rompida, aproximando EUA do Japão e China da URSS, estremecendo mais uma vez a relação da China com os países ocidentais.

Alguns anos depois, na década de 1970, a relação sino-soviética passava por um período delicado. Mais uma vez era a chance de reestabelecer relações com os EUA e o resto dos países ocidentais. Com essa aproximação a China buscava uma boa projeção no cenário internacional. Em 1972 Nixon visita a China e estabelece relações diplomáticas com o país. E em 1979, a troca de embaixadas reconhecia formalmente a existência de uma só China (PECEQUILO, 2003, p.197), pois anteriormente os EUA só reconheciam Taiwan, e se recusavam a reconhecer o restante da China comunista formalmente como um país. Dessa forma a China foi ganhando cada vez mais espaço nas relações internacionais, chegando a conseguir um assento no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Porém, com o fim da Guerra Fria as vantagens dessa aproximação começaram a parecer desimportantes, principalmente por parte dos interesses políticos dos norte-americanos. Logo, essa aproximação foi sendo gradualmente desfeita. Os EUA começaram a perceber que a China estava alcançando sucesso no seu desenvolvimento, e com isso buscava uma posição de poder na sua região (MEDEIROS, 1999, p.396), o que não era desejável para os norte-americanos.

Diante dos acontecimentos na Praça Tian An Men, também conhecida como Praça Celestial, em 1989, quando muitas pessoas morreram na China, os EUA viram uma oportunidade de se afastar ainda mais. Em 1992 eles rompem o Comunicado de Xangai, acordo bilateral sino-americano, e começam uma sucessão de medidas retaliativas contra a China. Entre elas o veto da China fazer

parte da OMC e o veto do país poder sediar os Jogos Olímpicos de 2000. Todas essas medidas estavam relacionadas com os descumprimentos dos direitos humanos dentro da China. Em 1996 enviaram um navio porta-aviões para o estreito de Taiwan com o objetivo de monitorar os exercícios militares dos chineses. Os EUA também passaram a declinar pedidos de empréstimos chineses ao BID e ao Banco Mundial (JABBOUR, 2006, p.394,396). A relação da China com os EUA era bastante delicada. E o reflexo dessa relação recaía sobre a relação entre China e o Ocidente.

Enquanto havia inúmeras questões delicadas no campo da diplomacia e da política que afastavam a China dos EUA, nas relações econômicas os países eram interdependentes. Uma relação de soma positiva, onde os ganhos, apesar de diferenciados, eram benéficos aos dois países. Mostrando mais uma vez a contradição encontrada na política chinesa e sua economia. Enquanto uma tende a valores socialistas, a outra tende ao capitalismo. A China depende desse mercado, e dos investimentos trazidos pelos norte-americanos, enquanto os EUA dependem do fluxo de capitais que a China investe no seu território. Mais uma vez, uma relação de interdependência entre os dois países.

Um dos pontos mais conflitantes entre a China e o Ocidente são as constantes denúncias feitas contra o país, que é acusado de violar os direitos humanos. Não apenas de viola-los mas também de dar apoio a países que também desrespeitam tais direitos, como Irã, Coreia do Norte e Sudão. Esse é um dos assuntos mais delicados entre os chineses e os países ocidentais, principalmente quando são discutidos na ONU.

A grande questão é que esses valores como direitos humanos, são para os chineses, valores ocidentais e não universais. Não deveriam ser impostos a todos os países do mundo. O que torna os direitos humanos um assunto de extrema delicadeza é justamente sua ligação direta com Ocidente. Para os chineses, os direitos humanos deveriam considerar as diferenças culturais existentes em cada país. Essas características tornam os países únicos e por isso devem ser respeitadas, ao invés de eliminadas em prol de uma padronização.

Este não é o único valor que o Ocidente quer implantar na China. Políticos e estudiosos norte-americanos afirmam que a democracia liberal precisa ser implantada no país oriental. Dessa forma a China se integraria mais facilmente no

cenário internacional, e ficaria menos inclinada a utilizar meios militares (SWAINE, TELLIS, 2000, p. 234-40). Porém cada vez que esses assuntos vem a tona, os chineses acreditam que é apenas uma forma dos países ocidentais terem influência sobre suas decisões domésticas, interferência essa que vai contra as medidas políticas tomadas pelo PCC. Por isso, este sempre é um tema complexo.

A China não cedeu, e mesmo diante das manifestações na Praça Celestial em 1989, quando o governo chinês poderia ser deposto, conseguiu conter, quase no fim, os manifestantes de forma violenta, embora os norte-americanos já estivessem acreditando no seu triunfo (LOSURDO, 2004, p.188). A China resistiu, e acumulou cada vez mais forças para se proteger de intervenções estrangeiras como dos EUA.

O massacre na Praça Celestial em 1989, foi o estopim de um série de manifestações da população contra o governo. A China atravessava um período de reformas políticas e econômicas desde 1978 com Deng Xiaoping, e essas reformas tornavam o país mais distante do sistema estabelecido anteriormente por Mao. Isso não agradou a população, iniciando o período de manifestações. Muitos fizeram greve de fome, iniciando uma lenda chinesa de que alguns chegaram a morrer de fome. (PCWorld, maio de 2004) Os soldados e tanques foram enviados para controlar a cidade, porém as manifestações seguiam. No dia 4 de junho de 1989, houve o massacre. E o número exato de mortos, permanece desconhecido até hoje.

O último presidente chinês, Hu Jintao, chegou a fazer declarações para afirmar que a China não faria reformas a fim de mudar seu sistema político, e que se forem feitas reformas, não serão da maneira que os países ocidentais esperam, apesar de ter realizado reformas significativas. Hu Jintao fez a seguinte afirmação: “Nunca copiaremos um sistema ocidental” (Público, novembro de 2012), mais uma vez demonstrando que a China não tem intenção de se transformar em um país nos moldes propostos pelo Ocidente. Deixando a mostra a fragilidade dessa relação.

Fica evidente então que a relação delicada entre a China e o Ocidente é resultado da relação sino-americana, tendo em vista que os EUA é tido como uma espécie líder dos países ocidentais. Dessa forma, essas relações permanecem complexas, pois a China vem mantendo uma posição de destaque na Ásia e não

quer estar submetida a regras impostas arbitrariamente. Enquanto os EUA e os países ocidentais seguem acreditando que o melhor caminho para China seria aceitar regras internacionais como os Direitos Humanos, e o modelo democrático de governo.

É nítido que estrangeiros ocidentais e suas influências possam ser avaliados de formas negativas na China. Afinal, há milênios o país deseja manter suas tradições, mesmo em meio as modernizações. Aceitar novas regras, novas culturas, seria abdicar de seu passado histórico milenar e de seus costumes únicos. Por isso, durante muitas épocas da história chinesa, o cristianismo foi visto como uma ameaça. Uma maneira de exterminar seus laços com seus antepassados e estabelecer uma nova cultura, diretamente ligada com o Ocidente. No próximo tópico vamos vislumbrar a história do cristianismo na China, seus desafios, e como se deu a construção desse grupo como uma ameaça.

A relação da China com o Ocidente é uma relação extremamente delicada. Os chineses tentaram de diversas maneiras, e ao longo de sua história, impedir ou ao menos dosar a influência dos países ocidentais dentro de seu território. Sempre buscando manter suas raízes em sua cultura milenar, os chineses sempre acreditaram que os países do Ocidente buscavam impor seus costumes ao resto do mundo, enquanto eles queriam manter suas tradições. Através dos discursos analisados veremos que no caso chinês a hipótese é comprovada. Os cristãos representam uma ameaça hoje, e representavam no passado, por serem vistos como expoentes do Ocidente dentro da China. São estrangeiros tentando passar costumes e valores diferentes dos cultivados no país. Por isso, no passado cristãos foram caçados, e hoje o governo tenta controla-los de todas as formas.

O patriotismo chinês é a causa da grande rejeição por tudo que mantém uma relação com o estrangeiro. É através desses discursos nacionalistas que podemos destacar a intenção dos líderes chineses de demonstrar a sua população que os valores e tradições chinesas são importantes e devem ser mantidas, enquanto valores ocidentais, devem ser mantidos afastados por um povo que possui uma cultura vasta e rica.

“Para alcançar o sonho chinês, a China deve seguir seu próprio caminho. Esse caminho combina o espírito da nação com o patriotismo como base (...) O

patriotismo sempre foi a 'cola' que manteve o povo chinês unido (...) toda sociedade deve fazer esforços persistentes para impulsionar a grande causa socialista com características chinesas (...) Devemos rejeitar de forma resolutiva o hedonismo e a extravagância, e lutar contra a corrupção e outras condutas deste tipo.” (Notícias Terra, março de 2013)

Os trechos citados fazem parte do discurso de posse do atual presidente chinês Xi Jinping. Fica claro que o novo chefe de estado por meio deste discurso enfatiza por diversas vezes que a China deve permanecer crescendo sozinha, trilhando um caminho próprio, em contra partida com os países que se dobraram aos valores ocidentais e seguem obedecendo padrões que foram impostos. Também destaca a importância do patriotismo, que é a base chinesa contra o ocidentalismo. E ainda enfatiza que a China permanece sendo um país socialista, contrariando a democracia liberal que é o sistema Ocidental. Logo, nestes pequenos trechos podemos observar que o presidente chinês reafirma a política do país asiático de permanecer com seus valores, rejeitando a influência do Ocidente. Fazendo dessa forma com que o processo de securitização seja bem sucedido, pois a audiência passa a ver o Ocidente como uma ameaça ao povo chinês, objeto referente substituído pelos cidadãos do Estado chinês. Colocam-se como ameaça, consequentemente, as minorias cristãs.

É importante salientar que — diferentemente da experiência no Irã — a presença do cristianismo na China está intimamente relacionada com a chegada de missionários provenientes do Ocidente, ou seja, no caso chinês a ligação entre ocidente e o cristianismo é muito mais forte do que no caso iraniano. No discurso destacado, vemos o presidente como agente securitizador, que tenta convencer a população, que faz o papel da audiência, de que a China deve se unir, e buscar seu desenvolvimento sem qualquer interferência externa.

Outra forma encontrada pelo novo presidente de reafirmar sua posição desfavorável a presença ocidental dentro de seu território, é a aproximação do país com a Rússia. Assim que tomou posse Xi Jinping programou sua primeira visita oficial para Moscou, com o objetivo de estreitar laços com o país, e mostrar ao mundo que não se dobrará ao modelo ocidental. O presidente declarou:

“Assim que tomei posse, vim à Rússia em visita oficial, pois mantenho o compromisso de continuar a boa tradição de fazer a primeira visita oficial aos nossos países, mostrando o caráter especial da parceria entre a China e Rússia em todos os domínios, assim como a nossa cooperação estratégica.” (CARVALHO, abril de 2013)

A visita foi simbólica não apenas do ponto de vista estratégico dos dois países, que possuem negócios em comum. Mas serviu para afirmar a posição dos dois países ao resto do mundo. Uma forma de demonstrar que eles permanecem resistindo ao modelo ocidental que as grandes potências tentaram por diversas vezes impor. Essa resistência demonstra que ambos permanecem insatisfeitos com as tentativas ocidentais de padronizar o mundo de acordo com suas regras.

Ainda em viagem a Rússia o presidente chinês falou abertamente sobre a independência que cada país deveria ter a hora de decidir sobre seus assuntos internos. Em uma escola de Relações Internacionais ele fez a seguinte declaração: “Precisamos respeitar o direito de cada país no mundo de escolher de forma independente seu caminho de desenvolvimento e se opor a interferência nos assuntos internos de outros países.” (EXAME, março de 2013) Através desse trecho podemos ver o quanto os chineses se opõem as atitudes dos países ocidentais.

Em seu pouco tempo de governo, menos de um ano, os discursos proferidos pelo atual presidente da China possuem como marca a retórica de que o socialismo permanecerá nos moldes chineses. Seus discursos também apresentam sempre tons de que a China passará por reformas, mas para continuar crescendo e não para se adequar ao modelo ocidental. Xi fez a seguinte declaração:

“Vamos continuar lutando pela causa do socialismo com características chinesas e para realizar o sonho de uma grande renascença da nação chinesa (...) Todos os soldados e oficiais do Exército Popular de Libertação (EPL) e da Polícia Militar chineses, guiados pelo Partido, devem ser capazes de ganhar batalhas e de ter o objetivo de um exército forte e disciplinado.” (Correio Braziliense, março de 2013)

O objetivo de ver a China renascer, e possuir um exército forte, e disciplinado como afirmado no discurso, é demonstrar às potências ocidentais que é possível ser um país bem-sucedido sem ceder e se transformar em uma espécie

de marionete destes. A China quer mostrar que seu socialismo funciona de forma eficiente, e que mesmo sem se moldar aos padrões ocidentais, a China consegue administrar seu país tanto no âmbito nacional, quanto internacional.

O presidente da China se torna o agente securitizador, ao proferir discursos que tentam enaltecer seu país em detrimento das falhas dos países ocidentais. A audiência é a população chinesa, que através desses discursos entende que a presença ocidental no país não traz benefícios e mais, que a China é completamente capaz de se desenvolver sem nenhuma interferência estrangeira. Como foi visto, o Ocidente vem sendo construído como uma ameaça há muitos anos e isso se fortaleceu no período de Mao. Até hoje, o Ocidente permanece sendo uma ameaça para os chineses, e conseqüentemente, os cristãos, que estão diretamente ligados aos países ocidentais.

A securitização é bem sucedida ao passo que a audiência aceita o discurso. Essa aceitação é notória quando percebemos a intenção da população em se desfazer de valores ocidentais. Os cristão na China são um grande representante dos valores ocidentais. Quando um chinês se converte ao cristianismo, seu comportamento muda. E muitas atitudes são tidas como ocidentais, fazendo com que o resto da população repudie esse comportamento.

5.3

MINORIAS CRISTÃS NA CHINA

O grupo dos cristãos na China está dividido em católicos, protestantes e uma minoria ortodoxa. As principais religiões na China são o confucionismo e o taoísmo, embora a maioria da população seja formalmente composta por ateus. Outra que vem ganhando mais seguidores é o budismo.

Há controvérsias no que tange ao período exato em que os primeiros cristãos chegaram na China. É comum encontrarmos textos que descrevem a chegada desse grupo junto a chegada dos Nestorianos, durante a Dinastia Tang (618-907 d.C.). Porém, através de novas descobertas outros estudos vão defender a tese de que o cristianismo chegou na China através de missionários siríacos

enviados pela Igreja Oriental em 635 d.C., descartando a ligação entre a Igreja Oriental e o Nestorianismo (PALMER, 2011)⁹. Porém em 845 o imperador decidiu eliminar todas as religiões, começando uma intensa perseguição, eliminando desde budistas até cristãos. Dessa forma, os cristãos foram extinguidos da China.

Os cristãos ressurgiram em 1206, na Dinastia Yuan, através da esposa do imperador mongol Genghis Khan, que era cristã. Porém foram fortemente bloqueados na Dinastia Ming, sua sucessora. Os cristãos eram em sua maioria mongóis e por isso, visto como uma religião estrangeira, deveria ser banida. A Dinastia Ming era baseada no nacionalismo e por isso, o cristianismo foi mais uma vez banido. O cristianismo ressurge conforme as relações comerciais da China se expandem para o Ocidente. Dessa forma, missionários de diversos países se instalam na China com a missão de evangelizar. A perseguição aos cristãos na China ao longo de sua história se dá de forma pendular. Havendo muitas vezes perseguições severas, enquanto em outras, os cristãos convivem de forma natural no país. (CARLETTI, 2007, p.26)

Na China os cristãos sempre representaram um grupo minoritário, porém esse grupo tem experimentado um grande crescimento nos últimos anos, apesar do rigor do governo chinês. Os principais responsáveis pela presença do cristianismo no país são missionários Ocidentais como o escocês Robert Morrison que traduziu a Bíblia para o mandarim. Esses missionários começaram a entrar no país em massa no período em que o ópio era negociado entre China e Inglaterra, apesar de serem severamente restringidos.(KINSSIGER, 2011 p.)

A relação China-Ocidente era conturbada ainda no período das dinastias. No início da República Popular da China, que foi assim proclamada por Mao Tsé-Tung, quando o país passou a ser controlado pelo Partido Comunista, essa relação tornou-se ainda mais complexa. Enquanto a China era governada pelo Partido Comunista as leis eram severas e não havia muita liberdade.

Somente a partir da década de 1970, quando a China Popular passa a fazer parte da ONU, essa relação começa a melhorar. Neste mesmo embalo, religiões

⁹ PALMER, Martin. **Speech about the Da Qin Project: Early Christianity in China**. Hong Kong, 23 de fevereiro de 2001. Disponível em: <http://www2.kenyon.edu/Depts/Religion/Fac/Adler/Reln270/Palmer-DaQin.htm>

como o cristianismo passaram a ser mais toleradas. Porém não houve uma aproximação tamanha que garantisse a esses grupos a liberdade desejada. Muitos cristãos lutam em favor dos direitos humanos no país, fator que os aproxima ainda mais do Ocidente do ponto de vista chinês. Por este motivo o governo se preocupa em controla-los de maneira tão severa.

O catolicismo por exemplo, encontra forte resistência na China até os dias de hoje pelo fato da Igreja Católica na China ter ligação com o Papa. (CARLETTI, 2007, p.12) É difícil para governantes chineses aceitarem o fato de o Papa, chefe de Estado, no caso o Vaticano, que é um Estado estrangeiro, ser o chefe espiritual dos católicos que vivem na China. Para os líderes do país essa aproximação soa como uma ameaça à soberania chinesa dentro do seu próprio território.

Enquanto isso, os católicos chineses querem que as autoridades da China reconheçam sua submissão espiritual ao Papa, como fazem os católicos ao redor do mundo, fazendo com que todos pertençam a uma só igreja. Mas é nessa ligação que se encontra o problema, ou uma provável ameaça do ponto de vista da liderança da China. Essa ligação deve ser controlada de forma que não venha a representar maiores problemas no futuro. (CARLETTI, 2007, p.12)

Toda essa desconfiança pode ser respaldada nessa relação complexa que a China nutre com o Ocidente. A China sofreu diversos ataques a sua soberania por partes dos países ocidentais que exploravam economicamente o país e por vezes o invadiram. Durante alguns anos a China ficou submetida as regras desses países que ditavam suas leis em territórios chineses.

Dessa maneira, através de suas experiências históricas, os chineses foram construindo ao longo dos anos a imagem dos estrangeiros como inimigos, logo, ameaças. E assim todo e qualquer imigrante era considerado um perigo a ser combatido, incluindo missionários que se encontravam na China. O cristianismo ficou conhecido como uma religião estrangeira, e uma das ferramentas do imperialismo ocidental.

Quando missionários chegaram na China no fim do século XIX, seus métodos de evangelização não consideravam as diferenças culturais existentes entre seus países, obrigando os chineses a adotarem elementos da cultura

ocidental que nem estavam relacionados ao cristianismo. A China era considerada um país subdesenvolvido que precisava ser liberto de uma cultura cheia de falsas crenças. Logo, muitos desses missionários estrangeiros se consideravam superiores, fazendo com que seminaristas, padres e cristãos chineses adotassem uma postura de submissão a eles. (CARLETTI, 2007, p.12)

Quando o comunismo chegou ao poder, devido a estreitas relações com o Ocidente o papado permaneceu com sua posição desfavorável ao modelo adotado pela China, e era uma ameaça para os chineses. A posição oficial da Santa Sé já era conhecida. O Papa Pio XI na sua encíclica “*Divini Redemptoris*” publicada em 1937, condenava o comunismo e proibia a adesão de católicos ao sistema. Enquanto o catolicismo era desfavorável ao regime comunista, o comunismo por ser ateu em sua essência, também desaprovava o catolicismo.

Entretanto podemos destacar o caso de Matteo Ricci em 1582. Esse missionário possuía métodos diferentes no trato com os chineses. Naquela época, os chineses que se convertiam deveriam escolher um novo nome de origem portuguesa, utilizar vestimentas portuguesas, entre outros costumes que eram obrigados a adotar. Enquanto isso Ricci mergulhou na cultura local. Se esforçava no aprendizado da língua chinesa e chegou a trocar seu nome para Li Mandou. Sua imersão na cultura chinesa foi tamanha, que ao falecer em 1610 o imperador cedeu um terreno para sua sepultura. Seria a primeira vez que um estrangeiro poderia ser sepultado na capital do império. (CARLETTI, 2007, p.29)

O período seguinte a Ricci foi marcado novamente por oscilações. Alguns jesuítas buscando proximidade com a cultura chinesa, permitia que alguns ritos fossem mantidos pelos convertidos. Porém outros eram contrários a essa prática, e enviaram cartas ao Vaticano comunicando os acontecimentos. A Igreja Católica se manifestou condenando os ritos aos ancestrais como supersticiosos e inaceitáveis para aqueles que desejam se converter ao catolicismo. Marcando um período de desentendimentos entre os próprios cristãos.

No período em que a Inglaterra começou a comercializar o ópio com a China, em 1842 foi quando o Tratado de Nanquim foi assinado. Esse foi o primeiro dos tratados desiguais que marcaram um momento de humilhação da China mediante outros países ocidentais que visavam o lucro através dos recursos encontrados e produzidos na China. Esse tratado estabeleceu a abertura de cinco

portos chineses, permitindo inclusive a abertura econômica da China. Dessa forma, a entrada de missionários no país também se tornou mais fácil.

Os cristãos na China representam uma ameaça do ponto de vista das autoridades chinesas, pois são uma espécie de representação do Ocidente que vivem dentro de suas fronteiras. Muitos missionários, em períodos de intensa perseguição, recorriam a seus países de origem em busca de proteção. Com isso, os chineses tinham cada vez mais certeza que a intenção desses missionários não era apenas evangelizar. Para eles, os missionários eram instrumentos dos governos ocidentais para penetrar na China e instaurar sua cultura. (CARLETTI, 2007, p.39)

No fim da década de 1890, a imperadora Cixi resolveu declarar apoio aos Boxers. Este era um grupo xenofóbico que visava exterminar todos os estrangeiros que vivessem no país. Com o objetivo de ganhar a simpatia da população, Cixi apoia o grupo que tinha como lema: “Viva a dinastia, cacem os estrangeiros!” Durante esse período, os principais alvos foram missionários estrangeiros e chineses que se converteram ao cristianismo. Surgiram muitos manifestos que mostravam a população que o objetivo do grupo era exterminar não apenas os estrangeiros, mas outros vestígios deles, como templos, prédios entre outros. Um dos manifestos dizia assim:

“Aviso. Todos os moradores de cada aldeia e burgo de todas as províncias da inteira China estão informados que os católicos e os protestantes vilipendiam nossos deuses e nossos santos. Eles oprimem o imperador, os funcionários e o povo chinês. Como todos permaneciam em silêncio, fomos obrigados a nos exercer no boxe, com o objetivo de proteger a China, de expulsar os bandidos estrangeiros, de exterminar os cristãos e poupar calamidade aos vivos. A partir desse aviso, vocês, habitantes do interior, estão informados que, não importa em qual aldeia se encontrem os cristãos, precisamos expulsá-los imediatamente e queimar suas igrejas e suas casas, uma depois da outra. Se alguém, transgredindo este aviso, esconder ou cuidar de cristãos, aplicaremos o mesmo castigo, e os exterminaremos pelo fogo para suprir todas as dificuldades. Será duro punir com morte, e nós não podemos suportar que alguém seja envolvido sem razão nessas situações embaraçosas. Conformai-vos a este aviso formal. XXVI ano de Guangxu. Assinado: Yihequan Boxers”¹⁰. (PLANCHET, 1920, p.7)

¹⁰ Tradução Livre

O movimento dos Boxers é uma pequena amostra de como a população chinesa apoia a ideia de que os resquícios do ocidente devem ser banidos da China. Esse movimento radical era apoiado pelo governo e população que tinham o objetivo de “limpar” a China de influências que não eram aceitas. Entre as muitas formas de representar o Ocidente, os cristãos, em especial os missionários, se tornaram alvos do grupo.

Ao lado de cristãos, outros estrangeiros foram alvos dos boxers, como diplomatas de outros países que residiam na China. Era uma luta intensa contra a presença ocidental no país. O ministro da Alemanha foi morto no bairro onde viviam as delegações e diplomatas de diversos países. Alguns países como Inglaterra, França, Alemanha, EUA, entre outros, provocaram uma forte resistência aos boxers até derrota-los em 1900.

Assim como grupos radicais como os Boxers surgiram para exterminar os estrangeiros, movimentos opostos também se levantaram na China, com o objetivo de modernizar o país, e de deixar para trás todos os velhos costumes. Então em 1915 surgiu na China o primeiro exemplar da revista “Juventude Nova”, que era dirigida pelo jovem Chen Duxiu. Era uma revista feita por jovens intelectuais, que convocavam a juventude do país a abandonar os velhos costumes afim de estabelecerem uma nova China. Eles afirmavam que era necessário uma:

“(...) juventude que ousasse ser jovem, romper as relações de dependência com tudo aquilo que fosse velho e mofento, que quisesse ser independente e não servil, progressista e não conservadora, agressiva e não condescendente, cosmopolita e não isolacionista, sensível a utilidade e não ao formalismo, a ciência e não a imaginação.”¹¹ (COLLOTTI PISCHEL, 1982, p.126)

Esses jovens foram positivamente influenciados pelo Ocidente e por isso lutavam em busca da quebra de antigos padrões chinesas na tentativa de tornar a China um país mais moderno. Eles lutaram pelo fim dos casamentos arranjados pelas famílias, e pela liberdade de escolha. Porém, apesar das ideias inovadoras, isso não significou uma mudança de opinião no que tange ao cristianismo.

¹¹ Tradução Livre

Esse grupo de intelectuais discutia acerca do lugar da religião na China moderna. Porém, muitos eram contrários a religião, chegando a propor que jovens religiosos não pudessem fazer parte desse movimento. Mesmo em busca da modernização esse grupo permanecia contrário a presença de cristãos na China, principalmente por acreditar que os missionários cristãos “atacam o culto dos antepassados” (LAURENTIN, 1981 p.161).

Esse movimento de jovens intelectuais foi crescendo e aos poucos seus pensamentos ideológicos estavam espalhados por todo país. Era um movimento de cunho marxista. Dessa forma esse pensamento foi sendo difundido por todo país, o que facilitaria no futuro a revolução liderada por Mao. A primeira grande luta política, foi contra os tratados desiguais. Porém não foram bem sucedidos, e assim começaram a repensar o movimento que antes tinha um cunho apenas cultural, ao movimento agora se interessava também por questões políticas. É a partir desse movimento que nasce o Partido Comunista na China, que vai ganhar amplitude no período de Mao, que fazia parte do grupo fundador, e vai lutar contra a presença do cristianismo no país.

O cristianismo no passado sofreu perseguições severas por dois aspectos. O primeiro era pela ligação com o Ocidente, não apenas pela presença de missionários estrangeiros, mas também pelo fato dos católicos possuírem um líder espiritual no Ocidente, o Papa. Porém o segundo aspecto era a forma negligente como muitos missionários tentavam evangelizar os chineses. Ao ignorar a cultura, e sentir-se superiores por terem vindo de países “avançados”, muitos foram desrespeitosos com o país. A primeira razão, aliada a segunda foi o suficiente para que muitos chineses e o governo tentassem erradicar o cristianismo do país. Com o passar dos anos, os missionários aprenderam a lidar com as diferentes formas de cultura, mas ainda assim, o governo chinês se preocupa com a influência ocidental dentro de seu território, e por isso, a perseguição continua.

A liberdade religiosa na China hoje é permitida em um grau limitado. E o governo tolera apenas membros de organizações que estejam autorizados pelo mesmo. Existem organizações religiosas aprovadas pelo Estado, através do Movimento Patriótico das Três Autonomias, e essas são toleráveis. Um exemplo disso é a existência de dois bispos no país, no caso da Igreja Católica, um aprovado pela China e outro pelo Vaticano. O segundo é uma ameaça do ponto de

vista do governo chinês, por se tratar de um porta-voz do Ocidente com voz dentro do país. Porém as que não se encaixam nesse perfil estão passíveis de sofrer alguma retaliação por parte do governo. Não existem muitos dados oficiais na China, mas durante muitos anos o país foi considerado ateu devido sua veia comunista. Porém muitos afirmam que nos últimos anos houve um crescimento dos adeptos a religiões. (BBC NEWS, fevereiro de 2007) Através dessas novas pesquisas, a China não pode ser considerada como um país puramente ateu. Porém as religiões que predominam são as orientais, em especial as que surgiram no próprio país como as citadas anteriormente.

Quando permitido, ainda assim o cristianismo é controlado de forma bem severa pelo governo. A igreja é controlada pelo Movimento Patriótico das Três Autonomias, também conhecido como Igreja dos três poderes, a igreja oficial da China. Apenas chineses que sejam maiores de 18 anos de idade e residam no próprio país recebem a permissão para participar de encontros cristãos que sejam, obviamente, sancionados pelo governo. Ou seja, as igrejas oficiais, não podem permitir que um menor seja filiado a ela, nas igrejas clandestinas é um risco ainda maior. Existem também muitas reuniões que acontecem em casas de fiéis. Quando essas reuniões não são oficialmente permitidas pelo Estado chinês, eles sofrem por diversos tipos de perseguições que chamam atenção da comunidade internacional. (BBC News, fevereiro de 2007)

A perseguição nos dias de hoje é concentrada em grupos que tentem ter autonomia diante do governo. Na igreja oficial, o líder espiritual é funcionário do governo chinês, mediante a isto os cultos e missas são realizados com base no interesse estatal. Só é falado o que o Estado permite que este líder fale. Em busca de viver sua fé com liberdade, muitos cristãos tem se encontrado por meio de igrejas clandestinas. São reuniões em casas, restaurantes e até em locais subterrâneos, buscando sempre a descrição. Quando esse tipo de reunião é localizada, seus participantes podem ser detidos para esclarecimentos, presos, torturados, entre outras violações dos direitos humanos que protege o indivíduo de ter sua crença.

Diferente do caso iraniano, na China os cristãos não existiam no país há séculos passados. A presença cristã na China é fruto, principalmente de missões estrangeiras, em sua maioria ocidentais. Há uma grande preocupação com a

presença deste cristãos no país, pois são vistos como representações do Ocidente. Isso ameaça um país com uma etnia e cultura singulares e distintas dos pressupostos ocidentais. E por isso o governo tenta de formas variadas controlar o número de cristãos no país. Na próxima sessão veremos alguns discursos de líderes chineses acerca dos países ocidentais.

A grande questão, é que a presença de cristãos na China representa para o governo uma ligação forte com o Ocidente. Como foi visto, muitos acreditam que os missionários chegaram no país como funcionários de seus países, e não como evangelizadores. Por isso os chineses possuem muitos receios contra estes que entraram no país, converteram muitos chineses, e agora podem representar uma parcela do Ocidente dentro da China. Por isso a relação de chineses com cristãos ainda é muito delicada, e o governo tenta de diversas formas intervir no cristianismo, visto que cada dia fica mais difícil erradicá-lo no país.

Esse modelo político adotado por Xi Jinping, não é um modelo novo. Seu antecessor, Hu Jintao possuía a mesma linha de pensamento e antes de deixar seu cargo, quando muitos acreditavam que ele anunciaria novas medidas reformistas para a China, em seu pronunciamento, ele acabou com as ilusões de uma possível reforma. O antigo presidente declarou de forma enfática que o Partido Comunista manteria suas bases e princípios ideológicos, incluindo o pensamento de Mao Tsé-Tung (Folha de São Paulo, novembro de 2012), obviamente se afastando das potências ocidentais.

Evidentemente, os discursos nacionalistas não são frutos apenas dos tempos presentes. Há muitos anos a China luta contra o imperialismo ocidental. Mao Tsé-Tung foi um dos principais líderes chineses que lutou contra a presença de estrangeiros no país. A intenção era que a China fosse um país livre de influências ocidentais que colocassem em xeque seus valores e costumes milenares. Quando Mao proclamou a República Popular da China, ele fez o seguinte discurso:

“O povo de toda a China esteve mergulhado em amargos sofrimento e atribulações (...) Felizmente o nosso Exército de Libertação Popular, apoiado por toda a nação, tem lutado heroicamente e abnegadamente para defender a soberania territorial de nossa pátria, para proteger a vida e os pertences das pessoas, para aliviar o povo de seu sofrimento e lutar por seus direitos, tendo

finalmente acabado com as tropas reacionárias e derrubado a ordem reacionária do governo Nacionalista.

Agora, a Guerra de Libertação Popular está praticamente ganha, e a maioria da população no país está livre. Sob tal fundamento, a primeira sessão da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, composta por delegados de todos os partidos democráticos e de organizações populares da China, pelo Exército de Libertação Popular, as diversas regiões e nacionalidades do país, além dos patriotas chineses no exterior e outros elementos, foi convocada.

(...) o Conselho do Governo Popular Central decidiu declarar aos governos de todos os outros países que este governo é o único governo legal que representa todo o povo da República Popular da China.

Este governo está disposto a estabelecer relações diplomáticas com qualquer governo estrangeiro que esteja disposto a observar os princípios de igualdade, benefício mútuo e respeito mútuo à integridade territorial e à soberania.” (Discurso de Proclamação da República Popular da China)

Nos trechos destacados vemos que Mao dá ênfase ao nacionalismo, e como a China conseguiu se declarar uma República através de sua própria força, declarando guerra a forças reacionárias que dominavam o país. E ainda demonstra em seu discurso inflamado de paixão que o povo chinês unido consegue vencer todas as barreiras. Por fim, Mao deixa claro em seu discurso que a República Popular da China está disposta a manter relações diplomáticas com outros países, desde que estes reconheçam a integridade da soberania chinesa, fazendo uma clara alusão aos países ocidentais que tentam solucionar problemas de cunho doméstico em outros países. A China evidenciou que estabeleceria relações diplomáticas com países que entendessem que ela representava um país soberano, e não um país fraco que necessitava de ajuda das potências ocidentais, política esta que a China é totalmente contrária.

Mao é o principal agente securitizador na história recente chinesa. Sua audiência, a população da China, aceita seu discurso e acredita que o Ocidente é uma grande ameaça para a cultura do país. Dessa forma, o movimento de securitização é bem sucedido, os cristãos, e os ocidentais em geral, passam a ser considerados inimigos da nova República Popular da China. Qualquer representante do Ocidente passa a ser visto como uma ameaça ao governo chinês e sua homogeneidade. Os ocidentais foram sendo construídos como ameaças a partir dos discursos proferidos pelos agentes securitizadores, nesse caso, Mao.

Através do discurso inflamado pelo nacionalismo, o Ocidente vai sendo construído como algo ameaçador a unidade chinesa, e por isso deve ser contido.

Através desse trecho, torna-se evidente que o processo de securitização na China vem sendo construído ao longo dos anos. Principalmente no período que o comunismo se estabeleceu no país, esse processo foi sendo consolidado através dos discursos antiocidentais. Dessa forma, os grupos cristãos também era vistos como parte do Ocidente, e não da cultura chinesa. O processo de securitização é bem sucedido, pois desde o período de Mao a China de hoje, o Ocidente e seus vetores são considerados uma ameaça para o governo.

Mao não foi apenas um grande líder na China, foi também um dos grandes pensadores do comunismo. Por isso sua posição desfavorável ao imperialismo ocidental não deve gerar nenhum espanto. Mao buscava um país completamente livre de ingerência externas, um país fortemente baseado em sua cultura, em seus valores e não um país que se curvasse diante de um modelo imposto por outros países. Um modelo que não leva em consideração as experiências únicas de cada local, mas ferem a individualidade de cada país quando acreditam que um único modelo é capaz de atender a necessidade de todas as nações.

Nenhum modelo pode ser considerado universal. Para implantar o comunismo na China, Mao faz uma adaptação das teorias marxistas e lenistas para a realidade chinesa. O objetivo é no plano internacional lutar contra o imperialismo, e no campo doméstico acabar com a exploração por parte dos burgueses sobre o proletariado.

“Numa sociedade sem classes, cada indivíduo, como membro da sociedade, colabora com os demais, estabelece com eles determinadas relações de produção e realiza uma atividade de produção, a fim de resolver os problemas da vida material dos homens.” (MAO, 1982, p.79)

Nesse trecho fica evidente que a forma de governo que Mao queria implantar na China, não correspondia em nada com o modelo ocidental. Todos esses trechos possuem o único objetivo de demonstrar o quanto a China, seja na época de Mao, ou nos dias atuais, busca um afastamento da forma política de pensamento ocidental. Dessa forma, qualquer vestígio de Ocidente no país é

considerado uma ameaça, pois manter um país completamente imune as influências ocidentais no mundo globalizado, é uma tarefa difícil.

O Partido Comunista na China declarou que os estrangeiros que vivem na China e promovem o cristianismo nas universidades do país devem ser considerados como uma doença, “uma conspiração política para dividir e ocidentalizar a China”. Essa declaração foi feita através de um documento do partido em maio de 2011, publicado e traduzido do mandarim para o inglês pelo jornal *The Washington Post*. O documento ainda destaca:

“Com o rápido desenvolvimento económico e social da China e o crescimento continuado da força nacional, os países ocidentais liderados pelos Estados Unidos estão a aumentar a intensidade das suas tentativas de contenção da China (...) As forças hostis estrangeiras têm dado grande ênfase à utilização da religião para se infiltrarem na China e desencadear os seus planos conspirativos de ocidentalizar e dividir a China. Consideram os institutos de ensino superior como alvos prioritários se infiltrarem, usando a religião, em particular o cristianismo.” (Público, dezembro de 2012)

Nesse documento, o partido ainda faz algumas advertências, acreditando que essa “doença” deva ser atacada. Para combater o cristianismo, uma das medidas seria aumentar a propaganda comunista, dando especial ênfase a visão marxista acerca da religião, e propagando os princípios do partido. O documento ainda pede para que os professores estejam mais atentos a vida espiritual de seus alunos para sanar seus questionamentos e guia-los da forma adequada. Essas e outras medidas foram tomadas e são a prova de que o cristianismo tem preocupado os líderes chineses, e é de fato, considerado uma grande ameaça.

No trecho da matéria reproduzida, o discurso acerca do cristianismo é bem claro. A religião é vista como uma ameaça, uma maneira de controlar pessoas. O processo de securitização é bem sucedido, pois o cristianismo é construído como uma ameaça, e a audiência aceita esse discurso. Mais uma vez reafirmando a conexão feita entre o cristianismo e o Ocidente.

Dessa maneira, o comunismo chinês afirma o que Arendt fala sobre regimes totalitários, ao dizer que é necessário “acabar com a existência autônoma de qualquer atividade” (ARENDT, 1989, p.372) Suprimindo a expressão religiosa, política, ou qualquer outra liberdade de expressão, o governo chinês tem

se enquadrado entre os países que adotam uma forma de regime totalitário. Construindo um país de pensamento único e padronizado, neste caso, baseado na cultura chinesa, a população é facilmente dominada.

Como visto anteriormente, no caso chinês a hipótese deste trabalho é comprovada. Cristãos são perseguidos no país por serem considerados uma ameaça ao sistema comunista. E essa ameaça foi construída através da ligação direta entre os cristãos e o Ocidente. Essa ligação é evidente em diversos períodos históricos da China, onde o governo tenta conter o crescimento do cristianismo ou até mesmo exterminá-los por serem uma influência ocidental dentro do país. Há anos atrás foram missionários estrangeiros, hoje estrangeiros que residem no país e são cristãos, além dos chineses que se converteram. Para o governo isso nada mais é do que uma tentativa ocidental de se infiltrar no país, e aos poucos mudando sua cultura, tornando a China cada vez mais parecida com um país ocidental.